

DISGRAFIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO EDUCATIVO

DYSGRAPHIA AND ITS IMPLICATIONS IN THE EDUCATIONAL PROCESS

DISGRAFÍA Y SUS IMPLICACIONES EN EL PROCESO EDUCATIVO

Verônica Aparecida Olympio Dantas¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o transtorno da disgrafia e suas implicações no processo educativo. A pesquisa pretende identificar as causas e os fatores que podem interferir na qualidade da caligrafia e o que isso implica para o aprendiz. A disgrafia é uma dificuldade escolar significativa, pois afeta muitas crianças que estão no processo de alfabetização ou em séries iniciais. A abordagem metodológica utilizada neste estudo baseou-se em levantamentos bibliográficos e referenciais teóricos. Faz-se necessário entender o processo histórico da escrita, explicar sua aquisição, compreender e diagnosticar essa dificuldade, a fim de solucionar ou minimizar o problema. Dessa forma é imprescindível, enquanto profissionais, estarmos preparados para garantir a inclusão e um desempenho escolar satisfatório, para possibilitar uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave: disgrafia; escrita; caligrafia; aprendizagem; psicopedagógico.

Abstract

The present study aims to analyze dysgraphia disorder and its implications in the educational process. The research aims to identify the causes and factors that can interfere with the quality of handwriting and what this implies for the learner. Dysgraphia is a significant school difficulty, as it affects many children who are in the literacy process or in early grades. The methodological approach used in this study was based on bibliographic surveys and theoretical references. It is necessary to understand the historical process of writing, explain its acquisition, and understand and diagnose this difficulty to solve or minimize the problem. Thus, it is essential, as professionals, to be prepared to ensure inclusion and satisfactory school performance, to enable meaningful learning.

Keywords: dysgraphia; writing; handwriting; learning; psychopedagogical.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo analizar el trastorno de la disgrafía y sus implicaciones en el proceso educativo. La investigación pretende identificar las causas y los factores que pueden interferir en la calidad de la caligrafía y lo que ello implica para quien aprende. La disgrafía es una dificultad escolar significativa, pues afecta a muchos niños en proceso de alfabetización o en series iniciales. El enfoque metodológico utilizado en este estudio se basa en revisión bibliográfica y referencias teóricas. Se hace necesario entender el proceso histórico de la escritura, explicar su adquisición, comprender y diagnosticar esa dificultad, con el fin de solucionar o minimizar el problema. De esa forma, es imprescindible, en tanto profesionales, estar preparados para garantizar la inclusión y un desempeño escolar satisfactorio, para que se produzca un aprendizaje significativo.

Palabras-clave: disgrafía; escritura; caligrafía; aprendizaje; psicopedagógico.

¹ Acadêmica do Curso de Pós-Graduação Psicopedagogia Clínica e Institucional do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: veronica.tutoriadimensao@gmail.com.

1 Introdução

A disgrafia é uma dificuldade de aprendizagem do aluno relacionada à escrita, que interfere na realização de tarefas básicas no ato de escrever; está ligada a um problema perceptivo-motor, conhecido também como letra feia.

Tal problema não compromete o intelectual, ao contrário, geralmente as disgráficas são crianças muito inteligentes; a sua dificuldade está na escrita, pois o indivíduo não consegue recordar da grafia da letra para escrever.

Objetiva-se, a partir do presente estudo, entender o desenvolvimento da escrita, procurar entender o motivo pelo qual a criança apresenta dificuldades na sua aquisição, averiguar o que está impedindo o aluno de aprender e buscar ajudá-lo.

Discutiremos, nos capítulos a seguir, o conceito de disgrafia, suas implicações no desenvolvimento escolar, a importância do professor diante dessa dificuldade, bem como a observação diária desse aprendiz; por fim, abordaremos possíveis intervenções e tratamento para os disgráficos.

De acordo com Ciasca (2009), o processo evolutivo da escrita passa por três fases distintas: a fase pré-silábica, na qual o traçado é tremido, torto ou arqueado e as margens são desordenadas; a segunda é a caligráfica, na qual há um aumento de rapidez e regularização da escrita e surge o esboço de uma definição de estilo; por último vem a fase pós-caligráfica, em que ocorre a automação da escrita. As dificuldades de escrita sempre existiram, contudo, somente após estudos científicos sobre os transtornos de aprendizagem é que estas ganharam destaque.

No caso específico da disgrafia, ela é considerada como a principal dificuldade de escrita manual ou, nas palavras de Ciasca (2009, p. 187):

É considerada como uma falha no processo do desenvolvimento ou da aquisição da escrita. Está relacionada a uma disfunção na interação entre dois sistemas cerebrais, que permitem que a pessoa transforme uma atividade mental em linguagem escrita.

A partir dessa abordagem, surge a necessidade de investigar o assunto proposto, buscando identificar um diagnóstico preciso, a fim de propor intervenções para melhorar o desenvolvimento e o rendimento escolar. Diante disso, fica evidente quão importante é o trabalho psicopedagógico e quanto o profissional da área pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem. O psicopedagogo pode levar os envolvidos a refletir acerca da aquisição do conhecimento, na medida

em que objetiva identificar os fatores que levam à dificuldade da aprendizagem dos alunos disgráficos; orienta na abordagem de técnicas metodológicas precisas a serem usadas por professores para um bom desempenho e eficácia no ensino destes alunos.

Esta pesquisa visa descrever as problemáticas que envolvem o problema, sua identificação, seus tipos, e possíveis tratamentos psicopedagógicos, a fim de verificar se são suficientes e eficientes no tratamento de alunos disgráficos.

2 Disgrafia: implicações no processo educativo

Etimologicamente, disgrafia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “grafia” (escrita), ou seja, é “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia” (TORRES; FERNÁNDEZ, 2001, p. 127); concerne à “codificação escrita [...], com problemas de execução gráfica e de escrita das palavras” (CRUZ, 2009, p. 180).

Crianças disgráficas são aquelas que apresentam dificuldades no ato motor da escrita, tornando a grafia praticamente indecifrável; sendo assim, disgrafia é a perturbação da escrita no que diz respeito ao traçado das letras e à disposição dos conjuntos gráficos no espaço utilizado. Relaciona-se, portanto, às dificuldades motoras e espaciais (CINEL, 2003).

Aspectos como a má formação nos anéis; letras colocadas umas sobre as outras; grandes espaços em branco, com empelotamentos nas letras; força exagerada, chegando a marcar outras páginas do caderno; traços descontrolados, letras que dançam nas linhas; inversão de letras (escrita em espelho), podem ser observados já nos primeiros anos de alfabetização por parte de um profissional atento, ou que já estudou algo nessa área (ALMEIDA, 2010).

Para Correia (2008), a dificuldade de aprendizagem específica se trata da forma como um indivíduo processa suas informações, como ele as recebe e exprime. Elas podem, assim, manifestar-se nas áreas da fala, leitura, escrita, matemática, envolvendo déficits que podem implicar problemas de memória perceptiva, motora, de linguagem, de pensamento e cognição. Essas dificuldades resultam em privações sensoriais, deficiência mental, problemas motores, déficit de atenção, perturbações emocionais ou sociais; pode dar-se a possibilidade de que elas ocorram juntamente e, ainda, que provoquem alterações no modo como o indivíduo interage com o meio. Isso tudo faz com que a criança comece a se limitar, por medo de errar.

Segundo a Associação Portuguesa de Pessoas com Dificuldades de Aprendizagem

específicas, os sinais indicadores de disgrafia são:

Postura gráfica incorreta, Forma incorreta de segurar o instrumento com que se escreve, Deficiência da preensão e pressão, Ritmo de escrita muito lento ou excessivamente rápido, Letra excessivamente grande, Inclinação, Letras desligadas ou sobrepostas e ilegíveis, Traços exageradamente grossos ou demasiadamente suaves, Ligação entre as letras².

Os disgráficos escrevem de forma desviante do padrão, que inclui uma caligrafia deficiente, com letras pouco diferenciadas e mal elaboradas/proporcionadas. Quando a criança apresenta esse distúrbio, são comuns características como: (i) letra excessivamente grande ou excessivamente pequena – macrografia e micrografia, respectivamente; (ii) forma das letras irreconhecível; (iii) traçado exagerado e grosso ou demasiadamente suave; (iv) grafismo trêmulo ou com irregularidade; (v) escrita demasiadamente rápida ou lenta; (vi) espaçamento irregular das letras ou palavras; (vii) erros e borrões que podem impossibilitar a leitura da escrita; (viii) desorganização geral no texto e (ix) utilização incorreta do instrumento com que escrevem (AJURIAGUERRA, 1988; COELHO, 2012).

Para confirmar-se a presença desse distúrbio, a criança deve demonstrar o conjunto ou quase a totalidade das condições supracitadas; além disso, é possível que sejam notados outros comportamentos relacionados a outras dificuldades específicas de aprendizagem (COELHO, 2012).

Ciasca (1994) relata dois tipos de disgrafia: disléxica e caligráfica (ou motora).

A disgrafia disléxica caracteriza-se pela alteração simbólica da escrita; percebe-se omissão de letras, sílabas e palavras; há confusão de letras com sons semelhantes; inversão ou transposição da ordem das sílabas; invenção de palavras; há agregação de letras e sílabas; verifica-se uma união ou separação indevida de sílabas, palavras ou letras.

A disgrafia caligráfica ou motora caracteriza-se por afetar a forma das letras e a qualidade da escrita, porém, não afeta a simbolização da escrita; se refere às alterações na forma e tamanho das letras e espaçamento irregular (nas palavras, entre as palavras e entre as linhas), há inclinação defeituosa entre palavras e linhas, alterações na ligação entre as letras; pressão excessiva na escrita; alteração na direção das curvaturas e alterações tônico-posturais da criança.

A escrita disgráfica apresenta traços pouco precisos e descontrolados; falta de pressão com debilidade de traços ou demasiadamente fortes; grafismo não diferenciado em relação à forma e

² www.appdae.net/disgrafia.html.

tamanho; escrita desorganizada e irregular; falta de ritmo dos signos gráficos e realização incorreta dos movimentos.

Ao chegar à escrita propriamente dita a criança deve passar por um processo complexo de compreensão do código linguístico, compartilhado pela sociedade na qual se encontra inserida, a fim de conhecer as especificidades e arbitrariedades (SUEHIRO, 2006, p. 59).

De acordo com Fonseca (1995), na aprendizagem da leitura e escrita, a criança deverá obedecer ao tempo de sucessão das letras, dos sons e das palavras, fato este que destaca a influência temporal na adaptação escolar para a aprendizagem.

Nessa mesma abordagem, Visca (2008) cita que as causas podem ser várias: neurológicas, psicológicas, oftalmológicas e/ou audiológicas. O problema acarretado por estas causas é sempre a dificuldade de coordenar a letra para a escrita. A disgrafia pode surgir como parte da síndrome dispráxica ou dentro do quadro da debilidade motora, podendo ainda estar ligada à surdez e aos transtornos de lateralidade

A escola e seus educadores devem estar preparados para alguns fatores que podem, de certa forma, prevenir a qualidade da caligrafia da criança, já que o ensino inapropriado pode gerar a disgrafia, ou reforçar alterações da escrita de crianças com transtornos de ordem maturacional.

Promover a estimulação psicomotora no ensino infantil e evitar que crianças ainda imaturas do ponto de vista neurológico sejam submetidas indevidamente ao processo de alfabetização é um objetivo a ser seguido pelo sistema escolar. Com isso, não só se promoverá precocemente a intervenção de crianças com fatores de risco para a disgrafia, como também se evitará que determinadas crianças desenvolvam alterações na grafia decorrente do contexto ambiental (RODRIGUES, 2009, p. 207).

É por meio de estímulos que, desde os seus anos iniciais, a criança adquire uma maturidade afetiva, psicomotora, cognitiva e linguística, como preparação para o desenvolvimento dos aspectos da escrita.

Na escrita, o indivíduo pode colocar em prática todas as suas regras, pois é a forma mais elevada de aprendizagem. O sistema linguístico é influenciado pelo sistema nervoso central e pelo ambiente no qual a criança está inserida, porém os aspectos psicomotores devem ser considerados, assim como os processos linguísticos, sejam eles fonológicos, semânticos e outros.

Durante o processo de alfabetização, a disgrafia deve ser diagnosticada pois pode estar associada a outros distúrbios de aprendizagem, como a dislexia, apesar de se diferenciarem quanto aos conceitos, características e sintomas.

Referem-se às características clínicas da disgrafia as

dificuldades para escrever; produção escrita marcada por mistura de letras (maiúsculas e minúsculas e/ ou letras bastão com letra cursiva); traçado de letra ilegível; traçado de letra incompleto, dificuldades para realizar cópias e falta de respeito à margem do caderno (CIASCA, 2003, p. 55).

Cinel (2003) traz como prováveis causas para o desenvolvimento da disgrafia os distúrbios da motricidade fina e da motricidade ampla, distúrbios de coordenação visomotora, deficiência da organização têmporo-espacial, os problemas de lateralidade e de direcionalidade e, por fim, o erro pedagógico.

Os distúrbios da motricidade fina e ampla compreendem disfunções psiconeurológicas ou anomalias na maturação do sistema nervoso central, levando à falta de coordenação entre o que a criança se propõe a fazer (intenção) e a respectiva ação. Para que os mecanismos da escrita sejam adquiridos pela criança, é necessário saber orientar-se no espaço (motricidade ampla), ter consciência de seus membros e da sua mobilização, bem como ter a capacidade de individualizá-los (motricidade fina) a fim de pegar o lápis ou a caneta e riscar, traçar, escrever, desenhar (CINEL, 2003).

Em relação à coordenação visomotora, temos que esta é a correspondência do movimento dos membros superiores, inferiores ou de todo o corpo a um estímulo visual; dessa maneira, quando a criança apresenta esse aspecto comprometido, ela tem dificuldade para traçar linhas com trajetórias predeterminadas, visto que a mão não “obedece” ao trajeto estabelecido (CINEL, 2003).

No que se refere à organização têmporo-espacial, observa-se a relação entre a orientação e a estrutura do espaço e do tempo. A deficiência nesse campo faz com que as crianças escrevam invertendo as letras e combinações silábicas, desobedecendo o sentido correto de execução das letras e escrevendo fora das linhas por não terem orientação sobre como utilizar a folha de papel (CINEL, 2003).

Os problemas de lateralidade e de direcionalidade podem ser causados por perturbações do esquema corporal, pela má organização do próprio corpo em relação ao espaço ou por desarranjos de ordem afetiva. Quando as crianças apresentam esses problemas, estes podem ser observados de diversas maneiras: (i) lateralidade mal estabelecida ou dominância não claramente definida – exemplo: inversão de letras na leitura ou na escrita; (ii) sinitrisismo ou canhotismo contrariado – exemplo: a dominância da mão esquerda contraposta ao uso forçado e imposto da mão direita; (iii)

lateralidade cruzada – exemplo: a dominância da mão direita em conexão com o olho esquerdo, ou da mão esquerda com o olho direito (CINEL, 2003).

Existem várias teorias sobre as causas da disgrafia; uma delas aborda o processo de integração do sentido visão com a coordenação do comando cerebral do movimento:

É especialmente complicado para esses disléxicos, monitorar a posição da mão que escreve com a coordenação do direcionamento espacial necessário à grafia da letra ou do número, integrados aos movimentos de fixação e alternância da visão. Por isso eles podem reforçar pesadamente o lápis ou a caneta, no ponto do seu foco visual, procurando controlar o que a mão está traçando durante a escrita. Eles também podem inclinar a cabeça para tentar ajustar distorções de imagens em seu campo de fixação ocular (SILVA, 2008, p. 32).

Por fim, Cinel (2003) expõe a causa do erro pedagógico. Esse item costuma ser relacionado com as falhas no processo de ensino, com as estratégias inadequadamente escolhidas pelos docentes, pelo desconhecimento destes sobre o problema e até mesmo pelo seu despreparo.

2.1 O educador e o aluno disgráfico

Os problemas de aprendizagem são muitos, e todos devem ser assistidos e diagnosticados precocemente de maneira eficaz, pois sabe-se que acarretam vários danos à vida escolar das crianças. Entende-se por dificuldades de aprendizagem, segundo García (1998, p. 7), “dificuldades nos processos implicados na linguagem e nos rendimentos acadêmicos independentemente da idade das pessoas e cuja causa seria ou uma disfunção cerebral, ou uma alteração emocional-condutal”.

Esta pesquisa visa abordar a disgrafia, transtorno da escrita, e o que ela representa no ensino-aprendizagem, bem como a importância do papel do professor no diagnóstico preciso, uma vez que ele é primordial quando a criança apresenta tais dificuldades.

As habilidades com a linguagem oral não são muito valorizadas pela escola e às vezes até rejeitadas, como no caso da linguagem popular, por isso, esses alunos necessitam de um atendimento diferenciado das outras crianças.

Seguindo o grande mestre Paulo Freire, podemos afirmar que o papel do professor é se adaptar à realidade do aluno e proporcionar ensinamentos adequados; não se trata de transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua construção.

Por isso é importante o planejamento de atividades que proporcionem o desenvolvimento destas crianças, sendo que o professor é essencial para a realização desse processo; orientar, dar suporte, de maneira que elas consigam superar as dificuldades e serem letradas. O professor é um aliado no processo de letramento dos disléxicos.

De acordo com Sampaio (2010, n. p.):

O tratamento requer uma estimulação linguística global e um atendimento individualizado complementar à escola. Os pais e professores devem evitar repreender a criança. Reforçar o aluno de forma positiva sempre que conseguir realizar uma conquista. Na avaliação escolar dar mais ênfase à expressão oral. Evitar o uso de canetas vermelhas na correção dos cadernos e provas. Conscientizar o aluno de seu problema e ajudá-lo de forma positiva.

Condemarin (1986) traz algumas sugestões que facilitam a aprendizagem destes alunos, como evitar situações em que a criança tenha de ler em voz alta e não avaliar negativamente os erros disléxicos.

Embora esse transtorno não apresente um déficit intelectual ou neurológico, é importante identificar quando o aluno desenvolve uma escrita ilegível ou demasiadamente lenta, o que lhes impede um desenvolvimento normal da escolaridade. Observar a emissão dos fonemas, o grau de expressão da criança, o vocabulário, o desenvolvimento motor, a capacidade de atenção e como a criança se relaciona socialmente é fator importante. Nesse sentido, faz-se necessário que os pais forneçam dados sobre o modo de vida da criança. Esse contato muitas vezes revela fatores da deficiência, oferecendo ao professor a oportunidade de orientar os pais a respeito.

As crianças canhotas ou aquelas que não apresentam dominação lateral definida estão mais sujeitas à disgrafia. O tratamento para a disgrafia deve ser multidisciplinar e envolve as áreas de neurologia, fonoaudiologia e terapia ocupacional. Os casos medicamentosos são somente com indicação médica, quando associados à hiperatividade ou déficit de atenção; é importante ficar atento para os fatores que englobam o desenvolvimento da criança.

Há muitas maneiras de ajudar uma pessoa com disgrafia a alcançar o sucesso. Existem três estratégias principais que são a acomodação, que oferece alternativas para expressão crítica; as modificações que são as mudanças de expectativas ou tarefas para minimizar ou evitar a área de fraqueza e, por fim, a remediação, que é o fornecimento de instrução para melhorar habilidades de escrita.

A escola e todos que fazem parte do corpo docente, em especial o educador, exercem um papel primordial no ensino-aprendizagem. Quando a criança apresenta alguma dificuldade de

aprendizagem, é muito comum existir conflitos entre pais e professores. Mas é necessário que eles trabalhem juntos no desenvolvimento da criança.

Desta maneira, conclui-se que a disgrafia é comum nas salas de aulas, e que muitas das crianças disgráficas sofrem algum tipo de rejeição, tantos dos outros alunos quanto por parte do próprio professor. Muitas vezes a criança com letra “feia” é uma criança disgráfica, pode não ser uma criança com preguiça. Existem sintomas e características que diferenciam essas crianças.

Portanto, deve-se observar o surgimento, logo na fase inicial, de elementos considerados prejudiciais ao rendimento escolar; isso requer do professor, junto à família, ações interventivas a fim de auxiliar na busca de soluções, como aplicar técnicas metodológicas, desenvolver atividades de estimulação que sejam facilitadoras.

2.2 Intervenção e tratamento

O diagnóstico é fundamental tanto para a identificação de causas das dificuldades de aprendizagem quanto para uma possível intervenção. Avaliar a situação do aluno no contexto escolar, processos psicológicos que envolvam a compreensão da língua falada e escrita, permite que a dificuldade seja identificada e tratada, em uma intervenção que alia corpo docente, família e escola.

As dificuldades de aprendizagem específicas podem assim se manifestar, nas áreas da fala, da leitura, da escrita, envolvendo déficits que implicam problemas de memória, perceptivos, motores, de linguagem (CORREIA, 2008).

Constatar o distúrbio logo no início é de grande relevância para que o professor possa realizar os encaminhamentos metodológicos necessários, impedindo comprometimento específicos e significativos na aquisição da escrita.

Segundo Silva (2009, p. 14), a educação psicomotora “abrange todas as aprendizagens da criança, processando-se por etapas progressivas e específicas conforme o desenvolvimento geral de cada indivíduo”. Quando docentes se detêm em observações detalhadas dos sintomas, percebe-se que estes se manifestam e combinam-se de diferentes modos de sujeito a sujeito.

A psicomotricidade sempre leva em conta o indivíduo como um todo, tendo como características, além da coexistência de problemas motores de maior ou menor gravidade, transtornos na área do ritmo, da atenção, do comportamento, esquema corporal, orientação espacial e temporal, lateralidade e maturação.

Contribuindo com a importância da psicomotricidade no processo de aprendizagem e a prevenção dos distúrbios nessa área, Bessa (2010, p. 83) coloca que:

A prática psicomotora na Educação é uma atividade de caráter essencialmente educativo e preventivo. Esta se utiliza do movimento corporal e de atividades lúdicas para estimular o desenvolvimento psicomotor, promover a integração dos aspectos motores, cognitivos e socioafetivos, além de preparar as crianças para aprendizagens futuras, favorecendo consideravelmente a alfabetização e prevenindo distúrbios de aprendizagem.

Segundo Coelho (2012), uma criança em processo de aprendizagem da escrita apresenta, naturalmente, dificuldades no traçado das letras. Assim, durante este período, o professor deverá revelar especial atenção e fornecer as orientações necessárias para que os alunos realizem adequadamente a escrita, evitando, deste modo, na ausência de outras problemáticas associadas, a permanência de traçados incorretos que, conseqüentemente, poderão evoluir para um quadro de disgrafia.

Conforme refere Correia (2008), uma avaliação compreensiva deve ser sempre efetuada por uma equipa interdisciplinar na medida em que a disgrafia é uma problemática complexa, que requer o trabalho conjunto de vários especialistas, professores especializados em educação especial, psicólogos, neurologistas, terapeutas, técnicos do serviço social, que permita a formulação de um diagnóstico confiável, que terá como resultado a elaboração de um programa educativo individual.

Perceber o quanto isso é importante, verificar se o aluno apresenta algum indício de dificuldade, se o aluno possui uma boa escrita e compreensão, buscar caminhos que facilitem o seu desempenho, são fatores que contribuem para o sucesso educacional.

Diante disso, para ajudar uma criança com disgrafia, ou qualquer outro distúrbio, o educador deve, primeiramente, estabelecer uma boa relação com a criança e fazê-la perceber que a sua presença é importante para a apoiar quando mais precisa. Saber quando e qual a ajuda deve providenciar a cada momento, não deixando de elogiar a criança pelo seu esforço, mesmo que os resultados nem sempre estejam de acordo com o expectável; no entanto, deve também ter a capacidade de perceber quando o aluno revela desmotivação e desinteresse e, se necessário, alterar a intervenção, adequando procedimentos para estimular a criança, pois, na maior parte das ocasiões, a má prestação é consequência da utilização de estratégias ou métodos insuficientemente atrativos e interessantes.

Para Camargo (2009), a reeducação do grafismo está relacionada com três fatores fundamentais: desenvolvimento psicomotor, desenvolvimento do grafismo em si e especificidade

do grafismo da criança. Para o desenvolvimento psicomotor, deverão treinar aspectos relacionados com a postura, controle corporal, dissociação de movimentos, representação mental do gesto necessário para o traço, percepção espaciotemporal, lateralização e coordenação visomotora. Quanto aos aspectos relacionados com o grafismo, o educador deve preocupar-se com o aperfeiçoamento das habilidades relacionadas com a escrita, distinguindo atividades pictográficas (pintura, desenho, modelagem) e escriptográficas (utilização do lápis e papel – melhorar os movimentos e posição gráfica). Deverá, também, corrigir erros específicos do grafismo, como a forma/tamanho/inclinação das letras, o aspecto do texto, a inclinação da folha e a manutenção das margens/linhas.

Torres e Fernández (2001) acrescentam ainda a necessidade de se contemplarem técnicas de relaxamento global e segmentar, que podem ajudar a criança a reduzir os índices de ansiedade, estresse, frustração e baixa autoestima. Como sabemos, estas crianças são, na sua generalidade, alunos tímidos, sossegados (mas inquietos internamente), com motivação/interesse pela escola reduzidos e com baixos níveis de autoestima e autoconceito.

Outro aspecto bastante importante é o reforço positivo da caligrafia; a principal maneira de intervenção é a realizada de forma direta nas habilidades de leitura, com associação às atividades relacionadas ao processamento fonológico da linguagem (uma operação mental que visa facilitar a produção de sons ou grupo de sons, substituindo uma classe ou sequência de sons considerada difícil pela criança por uma classe alternativa idêntica, no entanto sem a condição de difícil); orientam ainda que as intervenções devem ser realizadas de maneira lúdica, para que a criança sinta prazer em ler e escrever.

Para Peres, citado por Rodrigues (2009, p. 219), " a reeducação da disgrafia deve ser ampla e abranger os seguintes aspectos: método de relaxamento global e segmentário, reeducação grafo-motora, reeducação da letra, sistematização da escrita e exercícios de aperfeiçoamento".

A reeducação psicomotora pode ser utilizada para desenvolver as habilidades motoras e assim melhorar certas disfunções da motricidade. Entretanto, a reeducação psicomotora não é um simples conjunto de exercícios físicos ou de cinesioterapia, pois tem influência no desenvolvimento individual e na personalidade do indivíduo (GUILLARMÉ, 1983). Monteiro (2007) completa afirmando que a educação psicomotora é indispensável para a formação integral do indivíduo; pode ser explorada por meio de jogos e atividades lúdicas que oportunizem o conhecimento do seu próprio corpo.

3 Metodologia

Este trabalho de pesquisa foi norteado por revisão bibliográfica e conhecimentos obtidos no curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional, também de cunho teórico e prático. Teve como base várias fontes bibliográficas, das quais realizou-se fichamento. A atenção psicopedagógica tem a intenção de mobilizar os aprendizes para se reequilibrar diante dos desequilíbrios que as novidades podem causar para as pessoas que se encontram em processo de aprender.

Estas pesquisas têm como finalidades proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas e torná-los mais explícitos ou construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias [...] (VISCA, 2008, p. 103).

A pesquisa foi elaborada partindo do pressuposto que visa identificar causas de um problema de aprendizagem, quais elementos o influenciam, considerando a intervenção psicopedagógica como meio de auxiliar no desenvolvimento escolar.

Durante o desenvolvimento e elaboração desse artigo, foram observados vários pontos importantes, para tentar entender o problema das dificuldades de aprendizagem. Ter como meta a ampla compreensão dos processos do aprender dos seres humanos que interagem com outros processos de aprendizagem, dando apoio às dificuldades do sujeito. Identificar, analisar, planejar e intervir de forma preventiva nas etapas do diagnóstico e no tratamento referente às dificuldades de aprendizagem manifestadas no ser humano, em especial naquelas crianças e adolescentes que demonstrem um quadro mais crítico no decorrer de sua vida escolar, familiar e social. “A aprendizagem é um processo de ação recíproca entre o sujeito que aprende, o sujeito que ensina e o ambiente, cujo resultado se dá numa mudança de comportamento” (GRIZ, 2009, p. 83).

Dessa forma, o presente artigo permite entender em particular o transtorno da disgrafia e como lidar com as dificuldades apresentadas. O que aprende é entendido, na psicopedagogia, como alguém que é capaz de conhecer o mundo e a si próprio. Por fim, o presente estudo pretende cumprir o papel de elucidar a temática trazendo contribuições efetivas, como o resgate e a inclusão daqueles que não podem ser considerados excluídos da sociedade.

4 Considerações finais

Podemos observar, através da pesquisa acima, que se faz necessário conhecer e

principalmente entender o corpo discente de uma escola. Os profissionais que atuam no âmbito escolar precisam estar informados, preparados e capacitados para minimizar, ou até mesmo solucionar problemas de dificuldades de aprendizagem em sala de aula.

Vimos que o trabalho em conjunto entre escola, família e corpo docente é fundamental, uma vez que o objetivo a alcançar é o desempenho escolar satisfatório. Determinadas diferenças podem perturbar não só a vida escolar da criança, mas também a sua vida social.

Portanto, ao nos depararmos com algum distúrbio de aprendizagem, é importante lembrarmos que, na sociedade atual, o conhecimento é de extrema importância e tem diferentes significados, atingindo o indivíduo, a família, o meio social, a escola e os educadores. A sondagem e a busca por caminhos seguros que possam nos levar à inclusão de pessoas com os mais diversos problemas na educação hoje, é apenas um dos caminhos; o outro é estarmos preparados para recebermos todo e qualquer tipo de dificuldade que nossas crianças possam apresentar enquanto seres em desenvolvimento.

Referências

AJURIAGUERRA, Julian de. **A escrita infantil**: evolução e dificuldades. Tradução de Iria Maria R. de Castro Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ALMEIDA, Fernando José. Paulo Freire desenvolveu novo conceito de leitura e escrita. **Folha Online**, São Paulo, 27 out. 2009. Educação. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2009/10/643944-paulo-freire-desenvolveu-novo-conceito-de-leitura-e-escrita-leia-trecho.shtml>. Acesso em: 9 fev. 2011.

BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

CIASCA, Sylvia Maria. **Distúrbios e dificuldades de aprendizagem em crianças**: análise do diagnóstico interdisciplinar. 1994. 207 f. Tese (Doutorado em Neurociências) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

CIASCA, Sylvia Maria. Distúrbios específicos de aprendizagem. *In*: CIASCA, Sylvia Maria (org.) **Distúrbio de aprendizagem**: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CIASCA, S. M. Disgrafia. *In*: MONTIEL, J. M; CAPOVILLA, F. C. (org.). **Atualização em transtornos de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009.

COELHO, Diana Tereso. **Dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia**. Porto - Portugal: Areal Editores, 2012.

CAMARGO, Maria José Gugelmin. Disgrafia motriz. **Alfabetizando**, Rio Claro – SP, 28 mar. 2009. Disponível em: <http://reginapironatto.blogspot.com/2009/03/disgrafia-motriz.html>. Acesso em: 9 fev. 2011.

CINEL, Bocaccio Nora Cecília. Disgrafia: prováveis causas dos distúrbios e estratégias para a correção da escrita. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v. 19, n. 74, p. 19-25, 2003.

CORREIA, Luís de Miranda. **Dificuldades de aprendizagem específicas**. Contributos para uma definição portuguesa. Porto: Porto Editora, 2008. (Coleção Impacto Educacional).

CONDEMARIN, Mabel. **Dislexia**: manual de leitura corretiva. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

CRUZ, Vítor. **Dificuldades de aprendizagem específicas**. Lisboa: LIDEL Edições Técnicas, 2009.

FONSECA, Vítor da. **Introdução a dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GARCÍA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem**. Linguagem, leitura e matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GRIZ, Maria das Graças Sobral. **Psicopedagogia**: um conhecimento em contínuo processo de construção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TERÁN, Nora Espinosa. **Dificuldades de aprendizagem**: detecção e estratégias de ajuda. São Paulo: Cultural, 2009.

GUILLARMÉ, Jean-Jacques. **Educação e reeducação psicomotoras**. Traduzido por Arlene Caetano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

MONTEIRO, Vanessa Ascensão. A psicomotricidade nas aulas de Educação Física escolar: uma ferramenta de auxílio na aprendizagem. **Revista digital efdeportes.com**, Buenos Aires, ano 12, n. 114, nov. 2007.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade**: um estudo em escolares com dificuldades em leitura e escrita. 1992. 371 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas - SP, Campinas, 1992.

OLIVEIRA, Patrícia de. **As práticas de letramento da família e as dificuldades de aprendizagem**: perspectivas para o debate. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos - SP, 2011.

RODRIGUES, S.D. Disgrafia: aspectos psicopedagógicos. In: MONTIEL; José M.; CAPOVILLA, Fernando C. (org.). Atualização em transtornos de aprendizagem. São Paulo: Editora Artes Médicas, 2009. p. 207-220.

SAMPAIO, Simaia. Disgrafia. *Psicopedagogia Brasil*. 10 out. 2010. Disponível em: <https://www.psicopedagogiabrasil.com.br/em-branco-c11mv>. Acesso em: 09 fev. 2011.

SILVA, Marta Conceição da. *Dislexia. Trabalhando as diferenças na escola*. 2008. 64 f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Universidade Cândido Mendes, Alto Paraíso de Goiás, 2008.

SILVA, Daniel Vieira da. **Educação psicomotora**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

SUEHIRO, A. C. B. **Dificuldades de aprendizagem da escrita num grupo de crianças do Ensino Fundamental**. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 59-68, jan./jun. 2006.

TELES, Paula. **Abecedário e silabário**. *Dislexia - Método fonomímico*. Lisboa: Distema, 2008.

TORRES, Rosa Maria Rivas; FERNÁNDEZ, Pilar. **Dislexia, disortografia e disgrafia**. Amadora: McGraw Hill, 2001.

VISCA, Jorge. **O diagnóstico operatório na prática psicopedagógica**. São José dos Campos: Pulso, 2008.